



EXPANSÃO DA PECUÁRIA NO SÉCULO XVII: O SERTANISMO E A VIOLÊNCIA CONTRA INDÍGENAS

Camila Paula Wilkomm da Silva
Emilee Cius Melo Cruz
Leonardo Batistella Favretto
Silvio Lüders Junior
Suelen dos Santos Rondini Gomes

Esta área que atualmente abarca as cidades de Petrolina e Juazeiro, nos séculos XVII e XVIII foi alvo de ações de sertanistas paulistas, chamados por colonizadores portugueses e luso-brasileiros para realizar uma “limpeza de área” que pudesse viabilizar a expansão econômica na região.

Os sertanistas – que a partir do século XIX foram chamados “bandeirantes” - eram descendentes diretos de europeus, sobretudo portugueses, e habitavam a capitania de São Vicente. Desde o final do século XVI, já se dirigiam para o interior da América, seguindo caminhos indígenas e o curso dos rios, buscando riquezas minerais, mas, sobretudo, como observou o historiador John Monteiro, objetivando a escravização de indígenas para trabalhar na produção econômica paulista. Organizavam-se em expedições que variaram em tamanho e poderio ao longo do tempo, sendo lideradas por homens brancos armados, acompanhados de vários indígenas (escravizados ou não) e muitos mestiços de pais portugueses com mães indígenas.

Quando foram chamados pelos colonizadores das capitanias do norte, no século XVII, o que se esperava deles era que pudessem reduzir os conflitos que então vinham sendo travados com indígenas, que vinham sendo expulsos de seus territórios devido a expansão da economia pecuária. Nesse período, os colonos adentravam os territórios indígenas para introduzir a atividade pecuária e os nativos, buscando defendê-los, reagiam, atacando os que consideravam

invasores. Buscando diminuir os ataques indígenas aos colonos, governadores, senhores de engenho e conselhos municipais passaram a arregimentar os sertanistas de São Paulo para empreender campanhas que consideravam que fossem "desinfestação", atacando, matando e escravizando as populações indígenas. Prometiam em troca conceder títulos honoríficos, terras e até dinheiro. Os sertanistas paulistas, assim, eram mobilizados para servir, por determinados períodos, como mercenários, em defesa dos colonos para viabilizar seus objetivos econômicos.

Foi o que ocorreu, por exemplo, em 1657, quando o governador da Bahia, Francisco Barreto, prometeu aos sertanistas paulistas que todos os que aprisionassem indígenas na "conquista" da área, poderiam tomá-los como cativos seus. O governador considerou que a ação de conquista se caracterizava como uma "guerra justa" contra os indígenas, pois isso havia sido decidido por um conselho formado pelo próprio governo, pelo bispo, por teólogos e ministros. Nas palavras do governador, a "justiça" dessa guerra justificava a permissão para que os paulistas "se servissem deles [indígenas] como escravos, sem o menor escrúpulo de suas consciências". Assim, as expedições sertanistas passavam a buscar ativamente escravizar indígenas para produzir mão-de-obra a ser utilizada até mesmo em campanhas contra povos em rebelião.

Em 1680, quando se tornou crítica a questão da terra no interior das capitanias do Norte e quando a resistência empreendida pelos indígenas inviabilizava a expansão pecuária, foram recrutadas mais levas paulistas para atuarem no Rio Grande do Norte. Mesmo enfrentando uma forte resistência de diversos grupos revoltados com a expansão pecuária, os paulistas conseguiram a vitória, causando, entre 1690 e 1720, a destruição da maior parte dos indígenas das capitanias do Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí.

Os historiadores Pedro Puntoni e Luís Felipe Alencastro observaram que o extermínio de populações indígenas na área interiorana das capitanias do norte nos séculos XVII e XVIII foi a forma adotada para abrir caminho para as fazendas de gado. Para Puntoni, a chamada "Guerra dos Bárbaros" constituiu um processo de "limpeza de território" e uma resposta à demanda de espaço para a expansão pecuária no sertão nordeste. Os pesquisadores observaram que as populações indígenas foram vistas e tratadas simplesmente como um empecilho a ser varrido do horizonte de expansão das fazendas de gado.

O historiador John Monteiro considerou que mais do que em qualquer outra instância da história do Brasil, as ações dos bandeirantes no Norte assumiram o caráter de massacres impiedosos contra a população indígena, mostrando o lado cruelmente destrutivo da política indigenista em área de expansão econômica.

Quem buscar conhecer um pouco sobre a condição de grande parte dos grupos indígenas que vivem atualmente no Brasil poderá perceber que esse contexto de extermínio de indígenas no Brasil colônia reverbera ainda hoje, exacerbados pela expansão de uma economia capitalista predatória, para a qual os povos originários representam, mais uma vez, obstáculos a serem exterminados.

Para saber mais sobre esse tema, você pode consultar os materiais que utilizamos para elaborar este trabalho:

FAUSTO, Boris. História Concisa do Brasil. São Paulo: Edusp, 2015.

MONTEIRO, John Manuel. Negros da terra. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

PUNTONI, Pedro; ALENCASTRO, Felipe. **A Guerra dos Bárbaros: Povos Indígenas e a Colonização do Sertão Nordeste do Brasil, 1650-1720**. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2002. p. 43-47.

SANTOS, Márcio. **Fronteiras do sertão baiano: 1640-1750**. São Paulo: Edusp, 2010.